

Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Metodológicas Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo temático 2 – Educação e Memória

ENSINO DE HISTÓRIA E NOVAS NARRATIVAS

Juliana da Costa Ramos – UFRPE/CNPQ-CAPES.

Resumo

Ao problematizarmos questões alusivas à reminiscência e a construção da narrativa histórica verificamos que estas abordagens não estão isentas de disputas e conflitos políticos e sociais. É relevante perceber que a narrativa histórica é dimensão de uma memória viva no tempo e os conflitos se integram a lógica que permite trazer à luz a uma memória e por vezes silenciar outras. Sobre esse mote apreendemos que ao conceito de memória se agregam a concepção histórica e também demandas relacionadas à ressignificação de identidades de minorias, marginalizadas e alheias no que se refere ao exercício da cidadania e a memória historicizada. Visando projetar essa relação entre o sujeito, memórias, seus bens culturais e as problemáticas supracitadas; buscamos no espaço escolar perceber como essa a comunidade especifica consome e ressignifica as narrativas históricas. A partir desse movimento ambíguo entre similaridade e alteridade almejamos no dialogo entre o ensino de História e a educação nãoformal atitudes que permitam estabelecer outros modos de construir os processos de ensinoaprendizagem.

O desenvolvimento deste trabalho surgiu por meio da observação do modo pelo qual uma turma de alunos do ensino médio se relacionava com conteúdos e fatos históricos que eram normalmente ensinados durantes as aulas de história. Essa observação ocorreu enquanto estivemos atuando como bolsistas de iniciação da docência. No decorrer do desenvolvimento de diversas atividades verificamos a existência de uma lacuna entre o saber histórico produzido na academia e o saber histórico escolar, entretanto desde já vale salientar que é sabido que ambos os saberes possuem especificidades que neste momento não é de nossa intensão esmiuçar, todavia nossa inquietação se debruçou a pensar sobre como o saber histórico escolar lida com as reflexões que são apresentadas na academia e os torna inteligível fora dela, a partir da experiência dos alunos.

A principio percebemos que boa parte dos alunos possuem certa dificuldade em compreender que o fato histórico é construído por perspectivas diversas, que existem diferentes sujeitos e subjetividades envolvidos nesse processo; um dos principais motivos para esse distanciamento é a escassez de narrativas com abordagens voltadas ao campo cultural, normalmente aspecto este bastante folclorizado o que restringe o entendimento sobre o conceito de cultura, definindo o cultural como um aspecto presente em folguedos, festas, danças e tradição, deixando fora desse contexto principalmente as práticas cotidianas. Podemos chegar a este argumento quando da utilização de músicas, literatura, narrativas populares, ou do cotidiano como fontes, esses elementos parecem aos olhos dos alunos menos representativos no quesito veracidade, do que o fato contado por uma perspectiva econômica ou política, que traga documentos "oficiais", ou que envolvam alguma personalidade política.

Por meio da verificação de tais aspectos buscamos realizar intervenções que esclarecessem a maneira pela qual o fato histórico chega até o livro didático, principal instrumento de (in)formação na escola, na tentativa de compreender o que faz um historiador e a maneira pela qual os acontecimentos se transformam em narrativas históricas com a intensão de demonstrar que os fatos não são unívocos, não falam por se só, que existem diferentes fontes e que elas fazem parte de todo um complexo sistema simbólico pelo qual os historiadores buscam narrar não só acontecimentos, mas compreender o modo com que o homem vive/viveu uma determinada temporalidade, além de compreender que a história não se constitui somente de fatos políticos, econômicos, de grandes guerras ou heróis.

Seguindo uma serie de intervenções resolvemos conceber uma sequencia didática específica, que subsidiaria a construção de um mural coletivo com as memórias da turma, tendo como base a problematização sobre as fontes históricas, o profissional historiador/professor, a narrativa e os diferentes sujeitos. Para que isso se concretizasse foi preciso fazer uma serie de atividades onde os alunos visualizassem protagonistas históricos não tão tradicionais como presidentes, ou políticos, ou que envolvessem grandes guerras ou crises políticas, com o intuito de descontruir uma visão estereotipada e amplamente difundida por instrumentos midiáticos sobre o que é um fato histórico, e personagens que estão em sua maioria distanciados da realidade dos alunos.

Nesta sequencia almejamos proporcionar uma problematização sobre os diferentes agentes sócio históricos que permeiam a construção de um fato, de maneira que os estudantes se percebam também como protagonistas na construção histórica por meio dos debates e das práticas incitadas em sala de aula. Foram utilizadas diversas linguagens alternativas, elas eram responsáveis por fazer a mediação entre as propostas; em um patamar mais amplo, consiste em compreender e se reconhecer como sujeito sócio-histórico, em seguida instrumentalizar este alunos para que ele possa construir uma reflexão mais ampla a partir com o intuito de realizar o diálogo entre o seu capital cultural e o conteúdo escolar de modo que esse reconhecer-se tanto o valorize como individuo quanto o incentive a se perceber como sujeito produtor de saberes.

Os debates sobre a construção da narrativa histórica seguiram na tentativa de incitar os alunos a problematizarem sobre o modo pelo qual o historiador utiliza as fontes materiais, documentais e os testemunhos como forma de reconstituir um determinado acontecimento. A dinâmica com a turma aconteceu sob a forma de debate na tentativa de fazê-los refletirem sobre de que maneira a nossa memória lembra e esquece algo momentos alegres, traumas entre outros; na tentativa de compreender qual o papel da lembrança e algumas reflexões suscitadas a partir da obra do neurocientista Oliver Sacks, *O homem que confundiu sua mulher com um guarda-chuvas e outras histórias clinicas*. Trouxemos a sala de aula não só este texto específico, mas excertos do livro *A memória coletiva*, do sociólogo Maurice Halbwalcs, para problematizar a prática da reminiscência na esfera da coletividade, trazendo mais um ponto de reflexão aos alunos: a de que memória não só habita a esfera individual, mas a coletiva.

Trabalhar memória em sala de aula é bastante complexo, pois esse tema está permeado de particularidades e por habitar a subjetividade dos indivíduos, em alguns aspectos parecia que os alunos ficavam ainda mais distante no que se refere a relacionar as problemáticas suscitadas com a macroproblemática proposta. Assim solicitamos que os alunos trouxessem para sala de aula objetos que lhes fossem familiares e que acima de tudo possuíssem valores sentimentais, simbólicos. Antes de começar a dinâmica foi apresentado aos alunos um espaço virtual chamado "Museu da Pessoa" que "é um museu virtual de histórias de vida aberto à participação gratuita de toda pessoa que queira partilhar sua história a fim de democratizar e ampliar a participação dos indivíduos na construção da memória social".

Ao realizar este link entre o objeto pessoal e as histórias narradas no museu por meios de objetos, algumas questões foram levantadas como a necessidade que o ser humano possuí em deixar legados (cultura) e de criar locais de memória. Em seguida foi exibido um do episódio de uma animação com a turma do Charlie Brown – "Fazendo Arte", e mais uma vez lançando a problemática sobre a maneira pela qual a sociedade projeta e se relaciona com seus lugares de memória.

Trabalhou-se a perspectiva de desmistificar os objetos presentes nos museus, estendendo esta reflexão as fontes históricas, a fim de compreender que os objetos narram histórias, os alunos foram provocados a perceber seus objetos próprios como artefatos de memória. Como tal exercício a turma foi separada em duplas onde as mesmas trocavam seus objetos e tinham a partir da troca a responsabilidade de reconstruir uma situação que eles imaginassem ser comum ao dono do objeto e ao próprio objeto; posteriormente a narrativa hipotética era comparada a narrativa realizada pelo dono do objeto.

É necessário deixar claro que essa foi uma atividade simples, mas que passou por vários processos de conceitualização e discussão dentro e fora da sala, a intensão foi trazer os alunos ao ambiente da investigação, do trato com as fontes, da elaboração das hipóteses, problematizando o conceito de verdade histórica e percebendo outros atores sociais; sem perder de vista que a atividade realizada pelo historiador é bem mais complexa, que demanda uma técnica especifica e que apesar de lidar com a subjetividade a narrativa historiográfica não faz parte de um sistema inventado.

¹ Disponível em: <u>http://www.museudapessoa.net/oquee/</u>

O desenvolvimento desse projeto com a metodologia de intervenções coordenadas teve como produto a construção de uma exposição de memórias da turma. Desta forma construímos tais atividades por meio de três etapas distintas, a primeira consistiu em incentivar a discussão e a compreensão sobre o poder de construção narrativa dos objetos, compreender que os textos, mas não somente eles podem construir narrativas históricas e que as narrativas também são modos de se organizar memórias, num exercício constante de lembrar e esquecer.

Num segundo momento almejamos problematizar os lugares de memória², ou seja, conhecer o que são esses lugares e pensar coletivamente transgressões; tendo em vista que lugar de memória irá ser construído pela turma na elaboração da exposição, e o terceiro e último momento consiste no desenvolvimento da exposição desde a tomada de fotos até a seleção e construção narrativa-expográfica das mesmas.

O desenvolvimento de competências que proporcione aos alunos realizar pontes dialógicas entre os conteúdos históricos escolares e seu cotidiano, além de trazer aos estudantes uma concepção mais crítica e mais próxima a sua própria realidade; sana uma antiga preocupação baseada numa perspectiva de interpretação histórica distanciada na qual os alunos não se identificam e proporciona a construção do conhecimento histórico baseado na fruição, no prazer, na experiência e na troca.

A utilização do patrimônio cultural a partir da arte-educação, da educação patrimonial, educação em museus, são formas pertinentes de abordagem metodológicas baseadas na prática da educação não-formal, pois este tipo particular de prática educativa "considera e reaviva a cultura dos indivíduos nela envolvidos, incluindo educadores e educandos, de modo que a bagagem cultural de cada um seja respeitada e esteja presente [...] a fim de não somente, valorizar a realidade de cada um, mas indo além, levando essa realidade a perpassar todas as atividades."

Utilizamos a arte-popular por meio da arte figurativa de Mestre Vitalino para que os alunos percebessem outros diálogos narrativos e ponderassem sobre as diversas maneiras de construção da narrativa cotidiana, na forma pelas quais tais narrativas podem se configurar como narrativas históricas. Foi sugerido que eles fizessem entrevistas com os moradores mais

³ VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. PARK, Margareth Brandini. FERNANDES, Renata Sieiro.2007:23. IN- Visões singulares, conversas plurais. ET al. – São Paulo: Itaú Cultural. (Rumos educação cultura e arte, 3).

² NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. (IN - Revista Projeto história, São Paulo v.10, p 7-28, dez. 1993).

antigos das suas ruas e procurassem escutar como era a vida dessas pessoas, o que mudou no bairro, na cidade; para que no dia da atividade pudéssemos fazer um link entre aquelas narrativas e as narrativas que os alunos divididos em grupos deveriam construir com o barro.

Houve antes um momento de contextualização a partir da utilização material educativo do Museu Casa do Pontal – RJ com imagens de peças elencadas para um exercício de leitura de imagens e posteriormente o esclarecimento sobre a biografia de Mestre Vitalino, figura importantíssima no cenário da arte-figurativa popular para que a partir das discussões fossem construídas narrativas com uma oficina de argila.

Quando problematizamos o ensino de História temas como identidade e memória corriqueiramente são evidenciados. Essas recorrências existem no sentido em se apresenta no cotidiano escolar, à necessidade de uma educação que possibilite novas formas de experiência didática e na apreensão dos conteúdos. Enquanto bolsistas de iniciação a docência nos propomos a possibilitar o dialogo entre o ensino de História e a educação não-formal por meio de metodologias que estabeleçam novas construções nos processos de ensino aprendizagem, baseadas na educação pela experiência, fruição e prazer. O objetivo foi compreender como a educação não-formal favorece as práticas didático-pedagógicas e proporciona aos alunos o protagonismo cultural, possibilitando a estes sujeitos estarem abertos a sua própria transformação.

Grosso modo, nossas atividades se debruçaram na inclusão de temas transversais, de elementos culturais, problemáticas do cotidiano durante aulas de História; tais temas são hoje frutos de inquietações que vislumbram uma preocupação cada vez mais frequente com a singularidade dos indivíduos e que conjecturam no ensino a possibilidade de uma educação libertadora, que:

"Se constrói a partir de uma educação problematizadora, alicerçada em perguntas provocadoras de novas respostas, no diálogo crítico, libertador, na tomada de consciência de sua condição existêncial. Tal investigação Freire chamou de "universo temático", um conjunto de "temas geradores" sobre os níveis de percepção da realidade do oprimido e de sua visão de mundo sobre as relações homens-mundo e homens-homens para uma posterior discussão de criação e recriação".

⁴ LINHARES, Luciano Lempek. Paulo Freire: por uma educação libertadora e humanista. Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere/2008/anais/pdf/729_522.pdf> Pág.10142.Acessado em 05/05/2012.

Se a história é construída a partir das nossas vivências, nossos patrimônios, os lugares de memória devem ser percebidos por meio dos usos e extensão das práticas. Acreditamos que as diferentes abordagens e metodologias da educação não-formal, ao trazer a tona estímulos que possibilitem aos estudantes se perceberem como agentes sócio-históricos, permite diferentes formas de apropriação do conteúdo histórico escolar a partir da identificação do aluno com o seu patrimônio cultural, com as micro-histórias da sua comunidade e escola.

Ao fim das atividades desenvolvidas percebemos que as dificuldades visualizadas no primeiro encontro aos poucos foram se diluindo, lógico não poderíamos sanar todas as adversidades, mas percebemos a turma caminhar de maneira cada vez mais engajada com as atividades propostas. Outro aspecto relevante foi poder contemplar na prática a postura de união e a preocupação em construir um espaço para suas memórias, em diversos relatos e no cotidiano das intervenções podemos perceber a maneira pela qual a turma aos poucos maturava uma consciência sócio-histórica.

Afinal o estudar e acrescento eu o ensinar — a história não significa saber o que aconteceu e sim ampliar o nosso conhecimento sobre a nossa própria historicidade. ⁵ – Enfim as atividades e esse aflorar de uma consciência foram essenciais para os alunos se reconhecerem como agentes sócio-históricos para além da elaboração de um mural escolar ficou evidente um crescimento que perdurara na vida desses estudantes.

⁵ RAMOS, F.R.L. A danação do objeto:o museu no ensino de história, Pág 4. Disponível em: ttp://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/a_danacao_do_objeto.pdf

Referências bibliográficas

LINHARES, Luciano Lempek. Paulo Freire: por uma educação libertadora e humanista.

Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/729_522.pdf> Pág.10142.Acessado em 05/05/2012

MUSEU DA PESSOA. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/oquee/ Acessado em: 20/04/2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. (IN - Revista Projeto história, São Paulo v.10, p 7-28, dez. 1993).

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. 2003 (IN - O saber histórico na sala de aula. CIRCE BITTENCOURT Org.) 8º Ed. São Paulo: Contexto. – Repensando o ensino. 129-148

RAMOS, F.R.L. A danação do objeto:o museu no ensino de história. Disponível em: http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/a_danacao_do_objeto.pd f>

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. 2007. Educação não-formal: um conceito em movimento. (IN-Visões singulares, conversas plurais. ET al. – São Paulo: Itaú Cultural. (Rumos educação cultura e arte, 3). 13-38.